



O VENEZUELANO PELOS OLHOS DO PRESIDENTE BRASILEIRO



THE VENEZUELAN THROUGH THE EYES OF THE BRAZILIAN PRESIDENT

RUAN FELLIPE MUNHOZ

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 03/09/2020 • APROVADO EM 23/11/2020

Abstract

In his first official trip to United States, Jair Bolsonaro spoke to North Americans entrepreneurs, investors and authorities. Besides the approaching attempt between the two countries, we concern in evaluate how the official statements, masked as a supposed intention in solve Venezuela's problems, present high discriminatory content, an attitude which we consider harmful to society in general. Therefore, we start our course analyzing the issue of the Venezuelan diaspora, based upon Reis (2004), Brah (2002) and Ashcroft et al. (2007). Then, we examine the ideology that traverses all discourses, following Althusser (1974) and Orlandi (1990). In addition, we seek to evaluate how the view on the other is constructed, according to Sousa Santos (2007) and Said (2007). Finally, to discuss more emphatically the noticeable interests within the presidential speech, we employ Todorov (1983), Bhabha (1991) and Tiburi (2015) as main theoretical foundation. This reflection leads us to conclude that the president used his speech as means of intervention in the neighboring country, emphasizing an urge for power and his colonizing essence, while also shedding light on his submission to the North American country.

Resumo

Em sua primeira viagem oficial aos Estados Unidos, Jair Bolsonaro discursou para empresários, investidores e autoridades norte-americanas. Além da tentativa de aproximação entre os países, interessa-nos avaliar como os dizeres oficiais, mascarados pela suposta intenção de resolver os problemas da Venezuela, apresentam alto

teor discriminatório, atitude que consideramos nociva para a sociedade em geral. Para tanto, iniciamos o nosso percurso com a análise da problemática da diáspora dos venezuelanos, baseados em Reis (2004), Brah (2002) e Ashcroft et al (2007). Em seguida, passamos pela questão da ideologia que atravessa todos os discursos, fundamentados em Althusser (1974) e Orlandi (1990). Buscamos avaliar, ainda, como o olhar sobre o outro é construído, a partir de Sousa Santos (2007) e Said (2007). Por fim, para discutir de maneira mais enfática os interesses visíveis no discurso presidencial, utilizamos Todorov (1983), Bhabha (1991) e Tiburi (2015) como principal fundamentação teórica. Toda essa reflexão nos leva a concluir que o presidente usou a sua fala como uma forma de intervenção no país vizinho, evidenciando seu ímpeto por poder e a sua essência colonizadora, ao mesmo tempo em que aclara a sua submissão ao país norte-americano.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Jair Bolsonaro. Venezuela. Diaspora. Ideology.

PALAVRAS-CHAVE: Jair Bolsonaro. Venezuela. Diáspora. Ideologia.

Texto integral

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nas últimas eleições presidenciais, realizadas em 2018, quase cinquenta e oito milhões (57.797.847) de brasileiros escolheram Jair Bolsonaro como autoridade máxima do Executivo (ELEIÇÕES, 2018). De acordo com informações disponibilizadas em seu site pessoal, o eleito nasceu na pequena Glicério, cidade do interior de São Paulo, em 1955. Formou-se pela Academia Militar das Agulhas Negras no ano de 1977, sendo enviado para a reserva em 1988. Nesse mesmo ano, elegeu-se Vereador, ocupando uma cadeira na Câmara Municipal do Rio de Janeiro (CONHEÇA, s.d.).

A lacuna entre a decisão pela transferência do militar para a Reserva Remunerada e a sua ascensão como político foi marcada por atos de indisciplina e deslealdade para com seus superiores. Documentos oficiais informam que Bolsonaro foi condenado a quinze dias de prisão pelos seus atos que feriram “a ética, gerando clima de inquietação na organização militar” (VALENTE, 2017). Esses eventos teriam ocorrido por causa da reclamação do militar pelo baixo salário da classe e pela reivindicação de aumento de remuneração.

Em seu julgamento pelo Superior Tribunal Militar (STM), Bolsonaro foi absolvido por nove votos a quatro. Porém, é interessante considerar os comentários de um dos ministros que diz que o que estava sendo examinada naquela situação era “a mentira do capitão Bolsonaro” (CARVALHO, 2019), acrescentando que uma centena de punições disciplinares sofridas por outro oficial não chegava aos pés de uma só das violações éticas e comportamentais em julgamento naquele evento específico.

Além disso, o ministro acrescenta argumentos sobre a pouca preparação para a comunicação oficial, indicando que ele “não é de muitas letras” e que “um exame mais aprofundado leva esse capitão às profundezas do inferno de Dante”, finalizando, ainda, com a afirmação de que “deixar esse capitão continuar nas forças

armadas, achar que ele não é incompatível com o exercício do oficialato, é uma decisão de muita responsabilidade para esta casa” (CARVALHO, 2019). Dessa forma, fica evidente que o profissionalismo e o potencial comunicativo do agora líder político sempre foram questionados.

A carreira política de Bolsonaro também não conta com grandes feitos em favor da população que o elegeu. Embora tenha sido construída ao longo de aproximadamente trinta anos, ele não conseguiu aprovar nenhum grande projeto e ficou conhecido, sobretudo, pelos inúmeros discursos violentos que chamaram (e ainda chamam) a atenção e agradaram a sociedade conservadora do Brasil.

Embora pareça distante do que agora estamos discutindo, não podemos deixar de considerar que, em 2016, o Brasil viveu um importante evento político: o processo de destituição de Dilma Rousseff. Nessa ocasião, o então deputado ganhou grande visibilidade midiática ao exaltar a memória de um dos maiores torturadores da época ditatorial brasileira, o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, fato que o fez ganhar ainda mais notoriedade no cenário nacional.

Representante de um discurso machista-misógino-racista-homofóbico-fascista, Bolsonaro chegou a afirmar, em entrevista para o Jornal Opção, de Goiás, um ano antes do Golpe, que haitianos, senegaleses, iranianos, bolivianos e sírios são “a escória do mundo” (PARRODE, 2015). Com essa declaração, o político somou mais um adjetivo ao seu histórico discursivo: xenofóbico, ou seja, aquele que tem desconfiança, temor e antipatia por pessoas estranhas, estrangeiras. Além disso, Bolsonaro é um notório admirador do presidente estadunidense, Donald Trump, que prometeu, entre outras ações eleitoreiras, construir um muro que divide os Estados Unidos do México e, conseqüentemente, da América Latina.

Voltando ao contexto das últimas eleições, percebemos que não se tratou de um evento comum, mas de um complexo processo eleitoral, marcado pelo uso das redes sociais, de discursos carregados por representações ideológicas específicas e de intervenções de setores conservadores da sociedade. Ademais, o processo ficou bastante marcado também pelo desgaste do Partido dos Trabalhadores (PT) no cotidiano nacional. Neste sentido, a eleição de Bolsonaro parece ter desestabilizado o tradicional jogo político, uma vez que os poucos caracteres do *Twitter* foram suficientes para convencer uma parcela considerável de eleitores de que o capitão reformado, filiado a um partido até então considerado nanico, o Partido Social Liberal (PSL), era a melhor opção entre os presidencialistas.

Conhecendo superficialmente a carreira militar de Bolsonaro e destacando as molas propulsoras que o fizeram ascender ao status de político profissional, devemos indicar que nosso interesse está fixado na sua posição como 38º Presidente da República Federativa do Brasil, cargo alcançado após sete mandatos consecutivos como Deputado Federal pelo Rio de Janeiro. Nesse contexto, buscamos analisar um discurso político proferido pelo já empossado Presidente, para discorrer sobre: a) as marcas ideológicas na sua fala e a formação da imagem que apresenta elementos não presentes à visibilidade, mas compreendidos pelos silêncios no texto; e b) os fatores de recepção desse discurso, destacando o alto teor discriminatório presente nos dizeres oficiais, atitude que consideramos nociva para a sociedade em sua totalidade.

2 O OLHAR SOBRE O VENEZUELANO DIASPÓRICO

Em 2019, o presidente Jair Bolsonaro realizou a sua primeira viagem oficial aos Estados Unidos. Na visita, que teve duração de três dias, o chefe do Executivo participou de reuniões com empresários, investidores e autoridades norte-americanas (DEPUTADOS, 2019). O foco da viagem era a aproximação entre os dois países, buscando estabelecer um diálogo amistoso e possíveis parcerias comerciais.

Considerando a agenda do presidente, interessa-nos, sobretudo, analisar um evento que ocorreu em dezoito de março, segundo dia em terras estadunidenses, no qual discursou na Câmara de Comércio, situada em Washington. Nele, o chefe do Executivo citou o acordo de uso do Centro de Lançamento de Alcântara, situado no estado do Maranhão, pelo país norte-americano. Além disso, reafirmou a amizade entre países e a intenção de aprofundar as negociações internacionais.

Porém, em meio ao pronunciamento, Jair Bolsonaro ressaltou a sua suposta intenção de resolver os problemas venezuelanos, excerto que transcrevemos abaixo:

Temos que resolver a questão da nossa Venezuela. A Venezuela não pode continuar da maneira que se encontra. Aquele povo tem que ser libertado. E acreditamos e contamos obviamente com o apoio norte-americano para que esse objetivo seja alcançado (NOS, 2019).

A Venezuela está situada ao norte da América do Sul e suas fronteiras são delimitadas a norte com o Mar do Caribe, a oeste com a Colômbia, ao sul com o Brasil e ao leste com a Guiana. Nos últimos anos, o país tem sofrido com uma enorme crise política marcada pela hiperinflação e, conseqüentemente, pela pobreza, questão difícil de acreditar se olharmos somente para as riquezas que o país possui, uma vez que é um dos territórios que conta com uma das maiores reservas de petróleo do mundo.

Sendo o petróleo praticamente a única fonte de receita externa venezuelana, qualquer problema com a gestão desse combustível fóssil gera grandes complicações para a economia nacional. É possível afirmar que a crise foi elevada ao grau de tragédia com as sanções realizadas pelos Estados Unidos que impedem empresas do país de negociarem com a petroleira estatal venezuelana. Além dessa impossibilidade de comercializar o produto com os Estados Unidos, ainda existe o agravante que diz respeito à dificuldade de acesso aos produtos químicos necessários para o beneficiamento do combustível.

Afastando-nos das interpretações da crise, queremos nos focar em um problema resultante desse período de recessão. A violência, a extrema pobreza e a falta de condições para uma vida minimamente digna da Venezuela fazem com que as pessoas estejam rareando no país. Em outras palavras, vemos constantemente em jornais e revistas o êxodo em massa dos venezuelanos para países vizinhos.

Essa situação anormal nos afeta como nação de forma bastante séria, visto que um número considerável de pessoas atravessou a fronteira entre os países para

reconstruir a vida em terras brasileiras. Essa migração forçada é conhecida como diáspora, que, de acordo com Reis (2004), configura-se como um evento complexo motivado por fatores múltiplos e subjetivos, visto que, enquanto as diásporas clássicas foram associadas ao exílio, caso dos judeus, palestinos, africanos e armênios, atualmente os indivíduos não precisam romper definitivamente os laços com a pátria.

De acordo com Brah (2002), a diáspora está sempre centrada na imagem de uma viagem, embora nem todas as viagens possam ser consideradas diáspora, já que nem todas buscam a estabilidade em uma localidade estrangeira. Porém, podemos afirmar que atrás de toda diáspora encontram-se pessoas que se deslocam de um ponto fixo para ocupar um espaço fronteiriço, ou seja, um território definido como estranho, dividido por forças sociais e políticas que estabelecem limites e se configuram como um ato de interdição ao livre deslocamento de pessoas. Nesse sentido, de maneira mais sintética, Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2007) definem a diáspora como o deslocamento, que pode ser voluntário ou forçado, de indivíduos que saem da sua pátria para habitar novos espaços.

Considerando as definições apresentadas, pensamos nos venezuelanos como sujeitos diaspóricos, pois precisam se deslocar fisicamente para buscar melhores condições de vida e fugir da crise instalada em seu país natal. Entretanto, interessamos, ainda, pensar na maneira como um grupo específico de pessoas encara esse deslocamento, inferindo significado às imagens construídas nesse processo.

3 AS INTERFERÊNCIAS NO OLHAR

Voltando ao discurso presidencial e avaliando a discussão aqui realizada, acreditamos que a Venezuela e os seus habitantes não podem continuar a passar pelos problemas vividos atualmente. Porém, ademais das questões políticas que afetam as pessoas, acrescentamos que o país não pode continuar a sofrer com interferências externas na sua economia e no processo político, aspecto importante do problema que é sempre esquecido pelo presidente brasileiro.

É importante destacar que o discurso apresentado por Bolsonaro está atravessado por ideologias dominantes. Segundo Althusser (1974), todo indivíduo é interpelado por diversas instituições ideológicas que controlam toda a vida do indivíduo e formata todas as suas produções textuais. Podemos citar como exemplos as formações religiosas, morais, jurídicas e políticas como fatores que interferem na forma como uma pessoa constrói a imagem do que por ela é observado. Em outras palavras, todas as imagens discursivas são produtos do olhar sobre determinado referente e, ao verbalizar essas produções mentais, estamos disseminando uma imagem com múltiplos significados e atravessada por fatores da subjetividade de um locutor.

Por esse viés, entendemos que não existe prática que não envolva diferentes ideologias e, de acordo com Orlandi (1990), essas formações ideológicas se apresentam por meio de um discurso veiculado como único, real e indiscutível. No caso do pronunciamento de Bolsonaro, percebemos que ele é também atravessado por uma formação ideológica fascista que se apresenta como produto da sua

intolerância e preconceito contra tudo o que supostamente pode afetar a sua posição hegemônica.

Nesse sentido, fugindo da definição mais usual de fascismo, destacamos um significado que pode ser considerado mais abrangente e passível de reflexão no nosso momento histórico. Dessa forma, apontamos para uma força que serve para a manutenção do poder econômico e político de uma classe social específica. A esse respeito, a professora Marcia Tiburi explica que,

Fechado em si mesmo, o fascista não pode perceber o “comum” que há entre ele e o outro, entre “tu e eu”. Ele não forma mental e emocionalmente a noção do comum, porque, para que esta noção se estabeleça, dependemos de algo que se estabelece com uma abertura ao outro. Fascista é aquela pessoa que luta contra laços sociais reais enquanto sustenta relações autoritárias, relações de dominação [...]. O fascista usa o afeto destrutivo do ódio para cortar laços potenciais, ao mesmo tempo que sustenta, pelo ódio, a submissão do outro. Como personalidade autoritária, ele luta contra o amor e as formas de prazer em geral. Um fascista não abraça. Ele não recebe. É um sacerdote que pratica o autoritarismo como religião e usa falas prontas e apressadas que sempre convergem para o extermínio do outro, seja o outro quem for (TIBURI, 2015, p. 24).

O fascista é descrito pela sua incapacidade de realizar um movimento de alteridade, termo que pode ser definido como “ser o outro ou ser diferente” (BONNICI, 2007, p. 19). Entendemos, por isso, que essa conceituação considera o *outro* inserido em um contexto político, cultural, religioso e linguístico. O fascista não consegue conceber a ideia de que ele próprio é construído em relação aos seres por ele observados, dado que esse processo só é possível quando se identifica o que existe em comum entre um *eu* e um *outro*.

A esse respeito, devemos considerar o que Pratt denomina de Zonas de Contato, definidas como “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação” (PRATT, 1999, p. 27), configurando-se, assim, como espaços destinados aos encontros coloniais, nos quais os indivíduos, separados geográfica ou historicamente, estabelecem relações identitárias, geralmente associadas a circunstâncias desiguais e que influenciam tanto o colonizador quanto o colonizado.

Essa aproximação entre indivíduos diferentes possibilita a criação de representações mentais sobre o *outro*. Nesse sentido, o discurso produzido nessas circunstâncias pode ser definido como uma formação ideológica baseada no contato do sujeito com outros discursos produzidos em um determinado momento histórico (ORLANDI, 2012). Além disso, essas representações possibilitam a aproximação entre duas pessoas distintas, o que pode se configurar como uma estratégia de dominação, uma vez que selecionar elementos para representar o *outro* pode ser uma prática que envolve diferentes níveis de violências e preconceitos.

Essa criação de fronteiras e imposições de barreiras nos leva à conclusão de que o pensamento moderno é abissal (SOUSA SANTOS, 2007), uma vez que apresenta uma divisão entre o que está “deste lado da linha” e toda a realidade presente “do outro lado da linha”. Devemos pensar em uma divisão visível e subjetiva do mundo em duas partes: um *eu* detentor de privilégios e um *outro* destinado a invisibilidade, a nulidade. Nesse contexto, Bolsonaro, além da ideologia fascista, também representa a figura do colonizador ressignificada, uma vez que ressuscita características do governo coloniais inserindo seu poder sobre outra nação que pode ser vista como desprotegida.

Sob outra perspectiva, essa divisão e oposição de mundos podem ser chamadas genericamente de Orientalismo. Essa prática é definida como uma forma de pensamento de uma coletividade que é baseada na distinção ontológica e epistemológica entre regiões denominadas como Ocidente e Oriente, divisão que não deve ser vista como natural, uma vez que essas localidades não são definidas somente por aspectos geográficos e culturais, mas estabelecidas e sustentadas pelos homens (termo que, neste caso, não é utilizado como sinônimo de humanidade) ocidentais: “a relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa” (SAID, 2007, p. 32).

Ademais, é necessário pensar que o Orientalismo “não é uma visionária fantasia europeia sobre o Oriente, mas um corpo elaborado de teoria e prática em que, por muitas gerações, tem-se feito um considerável investimento material” (SAID, 2007, p. 33). Nesse sentido, poderíamos compreender as nações europeias como o Ocidente por excelência, porém tomamos o conceito de forma ampla, como um estilo de dominação e de imposição de autoridade de uma sociedade hegemônica sobre outra considerada inferior.

Dessa forma, Bolsonaro se apresenta como uma voz autorizada a falar “sobre a” e “pela” Venezuela. É o Ocidente e o Oriente dentro de um mesmo continente historicamente colonizado. Essa ação se configura como um projeto de poder cujas dimensões podem ser definidas pelos interesses e pela ideia de superioridade racial e pertencimento a uma posição privilegiada, constituída como instituição ideológica que formata a opinião da sociedade. Dessa maneira, compreendemos que “Orientalismo não só cria, mas igualmente mantém” (SAID, 2007, p. 40) as desigualdades entre sociedades distintas. Em síntese, podemos conceber o fenômeno cultural histórico do Orientalismo como uma atitude voluntária que estabelece valores históricos, culturais, políticos, sociais e geográficos com o intuito específico de promover a dominação.

Da mesma forma, o fascismo representa o desejo pela destruição, pois, nas palavras de Tiburi (2015, p. 30), “somos seres capazes de amar e odiar. O motivo pelo qual amamos é inversamente proporcional ao porque odiamos. No primeiro caso, construímos, no segundo, destruímos”. A Venezuela é alvo da ganância imperialista dos Estados Unidos e da obsessão pelo petróleo que já causou grandes problemas para países do Oriente Médio e agora se instala em um país vizinho ao nosso. O discurso do presidente brasileiro indica o seu desejo colonizador ao mesmo tempo em que aclara a submissão do colonizado em relação à grande potência atual.

Em conseqüente, precisamos ressaltar, ainda, a questão do uso do pronome possessivo por Bolsonaro em seu discurso. Essa tentativa de aproximação entre ele e o país vizinho é bastante significativa se pensarmos na questão histórica. Todorov

(1983), ao refletir sobre a invasão espanhola no território do atual México, indica que o colonizador Hernán Cortez buscou estabelecer contato de proximidade com os colonizados, sempre exaltando seus comportamentos exóticos e admiráveis. Porém, mesmo essa compreensão superior não impediu a destruição do Império Asteca, comandado por Montezuma.

É verdade que os textos escritos por Cortez apresentam uma pessoa aparentemente maravilhada com a América. Porém, ao avaliar com mais cuidado essas produções, Todorov (1983) conclui que ele nunca mostrou interesse real pelos sujeitos colonizados, apenas descrevia os aspectos não-humanos do território invadido, lançando um olhar eurocêntrico e promovendo o apagamento da subjetividade dos indivíduos observados. Todas as frases admirativas de Cortez referiam-se a objetos, o que nos leva a pensar que ele entrou em êxtase diante dos produtos astecas, mas não reconhecia a individualidade de quem os produzia.

Trazendo essa discussão para a nossa realidade, percebemos que Bolsonaro não valoriza os anseios e necessidades dos venezuelanos, mas reproduz um discurso útil para os Estados Unidos, com o intuito de estabelecer acordos que o promovam diante da opinião pública. Dessa forma, o encadeamento entre os atos de compreender, tomar e destruir, apresentado por Todorov (1983), também pode ser expandido para a realidade dos países em relação à Venezuela, uma vez que a proposta de “libertação” se configura como uma estratégia de dominação, exaltando a fetichização (BHABHA, 1991) do povo colonizado.

Pensando na representação da alteridade baseada no discurso colonial, observamos que todas as imagens do *outro* são construídas de modo que sejam representados como atrasados e como pessoas que precisam ser ajudados (BHABHA, 1991). A busca pela disseminação do estereótipo do venezuelano como desvalido segue o interesse político de pessoas que não reconhecem a subjetividade do povo referenciado e nem a suas necessidades reais.

A aproximação dos vizinhos venezuelanos pretendida por Bolsonaro não se realiza plenamente, por esse motivo ela pode ser vista como útil para a exploração. Esse ato de tomar o problema para si e buscar resolvê-lo está subordinados a uma estratégia de dominação. Se na época da colonização essa relação desembocava no extermínio da população americana, agora Bolsonaro se alia aos Estados Unidos para continuar a promover os desmandos na Venezuela, buscando, sobretudo, subtrair as riquezas naturais que o país latino-americano possui.

Entretanto, é necessário enfatizar que a busca pelas riquezas naturais não explica tudo, o líder do Executivo brasileiro parece ter também o prazer pela crueldade, de exercer o domínio sobre os outros e demonstrar a capacidade de dar a morte, afirmações que podem ser comprovadas pela participação do político no processo de impedimento da ex-presidenta Dilma Rousseff e até mesmo nos decretos firmados sobre o porte de armas no Brasil (ROSSI e MACHADO, 2019). O que percebemos nesses casos é que eles se distanciam do aceitável pelos seres humanos, se aproximando do que, no vocabulário psicanalítico, pode ser descrito como agressividade, pulsão de morte ou pulsão de domínio.

Destarte, resta-nos pensar na questão da recepção desse discurso e como ele influencia a vida da população. Retomando a definição de ideologia de Althusser (1974) em que afirma que todos os indivíduos são interpelados por ideologias diversas, precisamos pensar também no sujeito que recebe uma informação e

significa esse produto de acordo com as suas experiências no mundo. Nesse contexto, o discurso aqui analisado é recebido como verdade, visto que a figura que o produz é pública e deveria se pautar pelos fatos. Assim, o receptor precisa realizar um esforço intuitivo e reflexivo para compreender que as informações recebidas não são nada além da expressão do interior em confiança de quem as produz.

Considerando o texto como a expressão de um autor vinculado a um determinado meio social, possuidor de ideologias dominantes e inserido em um sistema de poder, resta-nos indicar que ele deve ser interpretado de forma crítica, compreendendo a sua subjetividade e parcialidade. Realizando essa investigação do contexto de produção, nos aproximamos de uma reflexão dos pontos discutíveis e a mobilização de material para a sua desconstrução.

O discurso proferido por Bolsonaro é definido como um artifício ou uma expressão que tem por objetivo apresentar uma visão simplista e parcial do referente. Por esse motivo, devemos considerar como finalidade do seu discurso a criação de hierarquias que objetivam diminuir ou desqualificar uma determinada coletividade, cuja dignidade humana se encontra fragilizada pela guerra política instaurada no país.

Devemos ainda considerar a discussão sobre a liberdade de expressão. Concordamos que ela é uma conquista constitucional de todos os cidadãos brasileiros, porém devemos sempre pensar no conteúdo do discurso e quem o produz. No caso de Jair Bolsonaro, além de todo o peso ideológico disposto na sua fala, precisamos refletir a sua posição de destaque no cenário político, o que o transforma em um líder e pessoa a ser seguida. No entanto, o que ele diz mostra despreparo e superficialidade. Resta-nos, então, desvincular essas duas questões; ou seja, trazer essa figura pública para o nível do ser humano “comum” e discutir criticamente o que por ele é dito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto a carreira militar quando a carreira política de Jair Bolsonaro sempre foram repletas de eventos polêmicos e questionamentos sobre sua postura ética e comportamental. Além disso, seu potencial comunicativo sempre foi visto como duvidoso. Porém, é também verdade que os seus discursos inflamados contra a esquerda e em favor de uma suposta renovação política chamam a atenção da classe conservadora brasileira. Neste ponto, não podemos deixar de indicar a ironia nos discursos de renovação, visto que, considerando o seu tempo de atuação, o agora presidente pode ser considerado um político profissional e pouco produtivo.

Os eventos que compreendem o seu primeiro mandato, passando pelo processo de destituição de Dilma Rousseff, até chegar ao último período eleitoral, foram definitivos para o crescimento gradual da visibilidade midiática e, conseqüentemente, da popularidade de Bolsonaro. Mas, em todo esse processo, ficou bastante evidente que os seus discursos sempre foram marcados por ideologias hegemônicas atravessadas por diversos tipos de preconceitos. Isso foi justificado neste artigo pela análise de um trecho do discurso feito em 2019, na

primeira viagem do já empossado Presidente da República aos Estados Unidos, no qual ressaltou a sua suposta intenção de resolver os problemas venezuelanos.

É inegável que a população venezuelana tem passado por momentos extremos na área política e social, algo observável nas muitas notícias a esse respeito veiculadas por diferentes órgãos de imprensa nos últimos anos. Por esse motivo, muitos precisam sair do país natal em busca de sobrevivência, podendo, então, ser considerados sujeitos diaspóricos, uma vez que precisaram se deslocar fisicamente para buscar melhores condições de vida e fugir da crise instalada em seu país natal. Porém, buscamos refletir a forma como esses deslocamentos são significados e ao mesmo tempo pensar na influência de um discurso presidencial para o povo que, em sua maioria, o ajudou a se eleger.

Por fim, pelas análises realizadas neste artigo, podemos concluir que Bolsonaro nunca buscou realmente se aproximar ou diminuir os problemas enfrentados pelos venezuelanos, mas, sim, intervir nos problemas estrangeiros, evidenciando seu ímpeto por poder e sua essência colonizadora. Ao mesmo tempo, ao fazer isso, também aclarou o seu viralatismo em relação aos Estados Unidos.

É indiscutível que suas afirmações ferem a ética do cargo, por esse motivo é preciso enfatizar que todo ser humano tem liberdade de expressão garantida constitucionalmente, porém o presidente, como detentor da mais alta função pública do país, não pode fazer afirmações levianas, reproduzir discursos do senso comum. Em consequente, podemos compreender que Bolsonaro não respeita também as diferenças e singularidades dos sujeitos por ele observados, apenas retrata uma realidade contornada pelas suas ideologias e convicções pessoais marcadas pela reprodução de um discurso útil para os Estados Unidos, com o intuito de estabelecer acordos que o promovam diante da opinião pública.

Referências

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença, Martins Fontes, 1974.

ASHCROFT, B. GRIFFITHS, G. TIFFIN, H. **Post-colonial studies: The Key-concepts**. London and New York: Routledge, 2007.

BHABHA, H. K. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

BONNICI, T. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

BRAH, A. **Cartographies of diaspora: Contesting identities**. London: Routledge, 2002.

CARVALHO, J. de. Áudio do julgamento de Bolsonaro no tribunal militar: “o que está em jogo aqui é a mentira do capitão Bolsonaro”. **Diário do Centro do Mundo**, 1 jun. 2019. Disponível em https://www.diariodocentrodomundo.com.br/audio-do-julgamento-de-bolsonaro-no-tribunal-militar-o-que-esta-em-jogo-aqui-e-a-mentira-do-capitao-bolsonaro/amp/?__twitter_impression=true. Acesso em 16 jul. 2020.

CONHEÇA a trajetória de Jair Messias Bolsonaro. **Portal Jair Messias Bolsonaro**. Seção Biografia. Disponível em: <https://www.bolsonaro.com.br/>. Acesso em: 16 jul. 2020.

DEPUTADOS avaliam resultados da primeira viagem oficial do presidente Bolsonaro aos Estados Unidos. Apresentação: Edson Júnior e Elisabel Ferriche. **Portal da Câmara dos Deputados**, Rádio Câmara, Programa Painel Eletrônico, Brasília, 20 mar. 2019. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/PAINEL-ELETRONICO/573784-DEPUTADOS-AVALIAM-RESULTADOS-DA-PRIMEIRA-VIAGEM-OFICIAL-DO-PRESIDENTE-BOLSONARO-AOS-ESTADOS-UNIDOS-BLOCO-1.html>. Acesso em: 16 jul. 2020.

ELEIÇÕES 2018: Justiça Eleitoral conclui totalização dos votos do segundo turno. **Tribunal Superior Eleitoral**, Brasília, 30 out. 2018. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Outubro/eleicoes-2018-justica-eleitoral-conclui-totalizacao-dos-votos-do-segundo-turno>. Acesso em: 16 jul. 2020.

NOS EUA, Bolsonaro diz: é preciso resolver 'questão da Venezuela'. **GloboNews Em Pauta**, 18 mar. 2019. 1 vídeo (5 min). Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/globo-news-em-pauta/videos/v/nos-eua-bolsonaro-diz-e-preciso-resolver-questao-da-venezuela/7466204/>. Acesso em: 16 jul. 2020.

ORLANDI, E. P. **Terra à Vista! Discurso do confronto**: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2012.

PARRODE, A. Ouça entrevista em que Bolsonaro chama refugiados de “escória” e sugere infarto a Dilma. **Jornal Opção**, 21 set. 2015. Disponível em <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/ouca-entrevista-em-que-bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-e-sugere-infarto-a-dilma-46313/>. Acesso em 16 jul. 2020.

PRATT, M. L. **Os olhos do império**. Trad. Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: USC, 1999.

REIS, M. Theorizing diaspora: perspectives on “classical” and “contemporary” diaspora. **International Migration**, Oxford, v. 42, n. 2, p. 41-54, 2004.

ROSSI, A.; MACHADO, L. Com decreto de Bolsonaro, mais de 2 bilhões de munições podem ser compradas por brasileiros que já têm armas. **BBC News Brasil**, São Paulo, 27 maio 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48391614>. Acesso em: 16 jul. 2020.

SAID, E. W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUSA SANTOS, B. de. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 78, p. 3-46, out. 2007.

TIBURI, M. **Como conversar com um fascista**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

TODOROV, T. Compreender, tomar, destruir. In: TODOROV, T. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VALENTE, R. Bolsonaro admitiu atos de indisciplina e deslealdade no Exército. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 15 maio 2017. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/05/1884033-bolsonaro-admitiu-atos-de-indisciplina-e-deslealdade-no-exercito.shtml>. Acesso em: 16 jul. 2020.

Para citar este artigo

MUNHOZ, R. F. O venezuelano pelos olhos do presidente brasileiro. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 1, 2021, p. 469-480.

O Autor

RUAN FELLIPE MUNHOZ é doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).